



JORNAL

Psicologia em Foco

www.grupopsicologiaemfoco.com.br

ISSN 2178 - 9096 - Maringá

FEVEREIRO E MARÇO DE 2014 - Nº 19

Oficina do Saber 



OFICINA CLÍNICA ABERTA COM SUPERVISÃO DE UM CASO
SEGREDOS EM FAMÍLIA
COM JUANA E. KOGAN E ROSANA PARRÉ

27.FEV 19h30 - Inscrições
20h - 21h30h - Palestra
auditório da PUC
campus Maringá

COMPORTAMENTO EM PAUTA

PÁG. 03

Uma introdução à psicologia comportamental

PENSO ASSIM

PÁG. 04

A chuva marota

GESTALT EM FOCO

PÁG. 05

O autismo em uma visão gestáltica

PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA

PÁG. 08

Fazer terapia ou medicar-se ?

PSICANÁLISE EM PAUTA

PÁG. 09

Um corpo que cai

RODA DE PSICANÁLISE

PÁG. 10

Afinal, a psicanálise é uma ciência?



IMOBILIÁRIA
SILVIO IWATA
Uma decisão de confiança!

LOCAÇÃO | VENDA | LANÇAMENTO

www.silvioiwata.com.br

(44) 3023-8981 Av. Duque de Caxias, 718 (44) 4009-8981 Rua Néo Alves Martins, 2851 (44) 3023-8929 Av. Euclides da Cunha, 1088

EXPEDIENTE



Coordenação:
Vinícius Romagnolli R. Gomes | CRP 08/16521

Edição:
Fernanda Ferdinandi; Paulo Henrique Rigon

Redação:
Eduardo Chierrito; Luiz Antonio Trentinalha; Mayara Coutinho; Raquel Abeche; Rodrigo Corrêa; Roseane Prac.

Revisão:
Ariana Krause; Giovanna Bertoni; Jessica Demiti.

Divulgação:
Maria Renata Borin

Impressão:
GRÁFICA O DIÁRIO

Arte & Diagramação:

VilaÓpera
agência de comunicação

Tiragem: 3000 exemplares

Quer publicar seu artigo com a possibilidade de ampliação de seu currículo, e realizar a divulgação de sua clínica, empresa ou evento? ENTRE EM CONTATO CONOSCO!

Divulgue seu artigo, clínica, empresa ou evento.
contato@grupopsicologiaemfoco.com.br

www.grupopsicologiaemfoco.com.br
|44| 9985-9839 - Vinícius Romagnolli



EDITORIAL



TER UM ANO PELA FRENTE

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES
é psicólogo (CRP 08/16521) e coordenador do Jornal Psicologia em Foco.

Caro leitor, eis que tudo começa novamente, 2014 já chegou e com ele uma nova edição do JPF, novas colunas (teremos colunas fixas nas seguintes abordagens: Comportamental, Gestalt, Analítica e Psicanálise), uma nova programação de Oficinas, novos projetos como a Oficina in Company. Como é boa a sensação de ter um ano pela frente.

Nessas férias tirei um tempo para arrumar meu quarto e me deparei com textos, cartas e lembranças que remetem a um passado não tão distante, mas que parece paradoxalmente tão perto e tão longe... Nostálgico que sou, gosto de lembrar do passado, das raízes, não por acaso optei por Psicologia e História como cursos na Graduação. Mas num começo de ano, tudo compete para que olhemos para frente, para que façamos projeções e listas na nossa “propensão toxonômica”. E diante disso me peguei num duplo movimento:

olhando para trás e para frente, para o passado e para o futuro.

Acometido por um saudosismo, pensei em tudo que compõe o mosaico de minha vida; todos os livros e filmes que já vi, os lugares que já visitei, as tentativas e acertos, os sucessos e as frustrações, reví momentos eternizados em fotografias... Mas logo depois, lembrando que tenho um ano pela frente, pensei também naquilo que ainda irei viver; os erros que ainda irei errar, as alegrias que ainda irei desfrutar, os livros, filmes e lugares que ainda irei visitar, as fotos que ainda irei tirar...

E nesse movimento todo de ir e vir, terminei de arrumar o meu quarto e me dei conta de que há sempre mais espaço nos meus armários e estantes para novas experiências. Que a vida siga nos transportando para nossas memórias, mas sempre nos proporcionando novas histórias. Um ótimo ano novo e uma boa leitura!

Quem somos nós

Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096) surgiu no ano de 2010, idealizado pelos então acadêmicos do 5º ano de Psicologia do Cesumar; Vinícius Romagnolli R. Gomes, Diogo A. Valim e Roberto M. Prado. O projeto tem como proposta viabilizar um espaço para a produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimen-

tos e eventos relacionados à Psicologia, tais como palestras, cursos, debates, grupos de estudos, entre outros.

Em 2011, na comemoração de 1 ano do JPF foi criada a Oficina do Saber. O Jornal se sustenta com o apoio dos colaboradores e patrocinadores e tem sua distribuição gratuita, alcançando o público acadêmico de diversas instituições de ensino, cursos de pós-graduação e profissionais da área. Atualmente o Jornal Psicologia em Foco tem uma

tiragem de 3000 exemplares e periodicidade bimestral. Já as Oficinas acontecem mensalmente na PUC.

MISSÃO: Promover a troca de saberes em um espaço inovador

VALORES:
COMPROMETIMENTO
BRILHO NOS OLHOS
ESPÍRITO DE EQUIPE
QUALIDADE
PRÓ-ATIVIDADE
FOCO NO CLIENTE

COMPORTAMENTO EM PAUTA



RENAN MIGUEL ALBANEZI
Graduando em Psicologia (Centro Universitário Cesumar - UniCesumar), Pós-Graduando em Análise do Comportamento (Núcleo de Educação Continuada do Paraná - NECPAR), Colunista do site Comporte-se: Psicologia Científica (www.comportese.com).

Uma introdução à psicologia comportamental

O Behaviorismo Radical não é uma ciência em si, é a filosofia de uma ciência do comportamento (Skinner, 1974). Se hoje temos uma ciência do comportamento, ela é chamada Análise do Comportamento. O Brasil, sendo a segunda maior comunidade de analistas do comportamento da terra (abaixo somente dos EUA), de acordo com dados registrados pela ABAI (Association for Behavior Analysis International – Associação Internacional de Análise do Comportamento) merece um espaço onde tal ciência possa ser difundida, disseminada e defendida de modo a atingir uma maior parte da população brasileira.

Uma coluna exclusiva para a Psicologia Comportamental numa via de comunicação que atinge um grande número de pessoas, como o JPF, é um dos modos pelos quais essa ciência poderá ser disseminada, esclarecida e desmistificada. Acusações e críticas antiquadas que ainda rondam a filosofia skinneriana e a Análise do Comportamento poderão ser colocadas em pauta e devidamente explanadas, mostrando o poder, a grandeza, a funcionalidade e a aplicabilidade dessa ciência do comportamento.

Para o Behaviorismo Radical e a Análise do Comportamento, ao contrário do que muitos podem pensar, o comportamento enquanto objeto de estudo da ciência não é só aquilo que é objetivamente visto. Confusões entre John B. Watson e seu Behaviorismo Metodológico e B. F. Skinner deverão ser deixadas para trás. O estudo do comportamento começou quando o primeiro micro-organismo ganhou vida (Skinner, 1938).

O comportamento, operante ou respondente, pode ocorrer de



“Sendo assim o comportamento, seja ele aberto ou encoberto, é multideterminado, em todo seu escopo, desde as formas não verbais até às formas verbais. As acusações de que Skinner era reducionista e mecanicista, assim, caem por terra.”

modo acessível a todos ou dentro da pele do indivíduo que se comporta, sendo selecionado de três modos: filogeneticamente, ontogeneticamente ou culturalmente (Skinner, 1953; 1957; 1963; 1969; 1974, 1981; 1984; etc), além de estar sob controle de variáveis atuais que controlam o comportamento de quem opera no meio e é por ele operado. Sendo assim, o comportamento, seja ele aberto

ou encoberto, é multideterminado, em todo o seu escopo, desde as formas não verbais até às formas verbais. As acusações de que Skinner era reducionista e mecanicista, assim, caem por terra.

A diferença principal entre a Análise do Comportamento e as outras abordagens teóricas da Psicologia é a pesquisa básica; e a aplicabilidade dessa ciência do comportamento vai desde a cale-

jada psicoterapia até áreas como a robótica. Como toda a ciência, a Análise do Comportamento não poderia ser diferente: deve ser movida por pesquisas empíricas, teórico-filosóficas e experimentais de modo a continuar se destacando e ganhando força. Esse é um dos objetivos da Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ACBr), da Associação Brasileira de Medicina e Psicologia Comportamental (ABPMC), da ABAI e também deverá permear essa coluna, para que se faça tão valiosa e importante ao meio acadêmico e àqueles que gostam e/ou se interessam pela teoria de B. F. Skinner e a Análise do Comportamento.

SAIA LIDERANDO MELHOR EM 1 HORA.

Melhore-se AGORA (44) 9834-1777
Soluções para você e sua empresa.

MASTER
GUIMARÃES
COACHING & COMUNICAÇÃO
AVANÇADA

SAIA FALANDO BEM EM 1 HORA.

Fale conosco neste Jornal.

Ensino Infantil no Platão.
Pensando no futuro desde cedo.

44 3220.6868
platao.com.br

COLEGIO
platao
JORNAL DA PÁTRIA, NA PÁTRIA



PENSO ASSIM

Sobre teorias e práticas alternativas em psicologia

A Psicologia é uma ciência com amplo e variado referencial prático e epistemológico e em constante discussão e construção. Como fruto dessa característica, surgem teorias questionadoras e novas práticas profissionais. Estas novas práticas têm sido denominadas como integrativas e complementares.

Em 2013, o Conselho Federal de Psicologia divulgou orientações sobre as práticas integrativas e complementares em Psicologia, nas quais reconhece o caráter dinâmico da ciência. No entanto, aponta que uma profissão se define a partir de um corpo de métodos e técnicas que visam responder às necessidades geradas por uma sociedade que a diferencia das outras profissões e do senso comum.

A ampliação das práticas profissionais não permite que um psicólogo abandone os princípios éticos e técnicos que regem a profissão, afinal, uma prática e uma técnica devem ser respaldados não só pela teoria, mas pela postura ética do profissional.

As práticas consolidadas se desenvolveram no campo acadêmico, dentro do debate científico e com os profissionais envolvidos. O reconhecimento acadêmico de uma prática se dá quando seus pressupostos foram submetidos a uma avaliação sistemática e crítica, validados por uma concepção de ciência, sendo esta permeada por seus princípios éticos.

Já as práticas integrativas e complementares, que acontecem à margem da produção acadêmica e procuram soluções para as questões humanas, devem procurar o debate científico para não se caracterizarem como mera especulação.

Como não existe uma lista de práticas reconhecidas e não é possível mapeá-las, cabe aos Conselhos Regionais de Psicologia (CRP's) fiscalizar e orientar o exercício da profissão tal qual as demandas se apresentam (cheguem), sempre atentando para o contexto e a legislação vigente. É função dos CRP's promover discussões sobre estas práticas, promovendo consensos e entendimentos sobre cada problemática, considerando que é necessário um certo tempo para que a uma prática se firme no contexto científico e profissional.

A chuva marota

Começou com um leve ruído, desses que só fazem a gente virar do lado esquerdo para o direito na cama. Pouco a pouco, o som foi chamando mais a atenção. Foi no estrondo de um trovão que percebi que o chamado era sério. Cooei os olhos para me ajudar a despertar e acendi uma luz não tão intensa:

é preciso de tempo para se acostumar à claridade. Sentei-me no canto esquerdo da cama e afastei a cortina transparente com as mãos para enxergar o que se passava lá fora. São duas cortinas protegendo a janela: uma escura para dar efei-

to de que é sempre noite e hora de dormir e outra transparente, que recorda a gente na marra, o que é importante quando se mora sozinho. A água caía lá fora de um jeito poderoso. Na abundância de gotas, a chuva se formava dando uma impressão de embriaguez para quem devia estar sentindo, na pele encharcada, o seu poder.

Não era daquelas chuvas miudinhas e sem graça que molham tolhos. Nem era chuva que se pede em regiões áridas, onde a terra até estala de tão sedenta, parecendo até castigo. Era chuva de gotas fortes e destemidas, feito uma queda em massa de faíscas, em direção ao chão. Era uma chuva brava e com muita história para desaguar, desmoronando futuro, frustração, esperança e realidade.

A chuva não veio só: trouxe um vento que urrava, raios que chicoteavam uma linha disforme no céu e trovões dispostos a assustar a valer. Deve ser aquela chuva que dói quando bate no ombro da gente: como uma palavra áspera que deixa uma cicatriz; como um silêncio depois de uma verdade que a gente não quer escutar.

De repente, a chuva foi ficando mansa. As gotas já não eram tão gorduchas. O vento não tentava competir com os raios. E a noite foi

se acalmando em ritmo de trégua. Parece bobagem, mas ficou até com um ar maroto essa chuva. Depois daquele furdunço que me fez sair da cama, ela foi perdendo a necessidade de reinar e me concedeu a escolha de voltar ao sono dos justos.

Nem sempre é fazendo barulho que a chuva fica marcada na gente. Cheguei a abrir levemente a trava de segurança da janela para senti um pouco do cheiro da chuva que por perto dali passou. Mesmo numa cidade que pode ter concreto tanto no chão quanto no coração das pessoas, o cheiro de orvalho não se separa da chuva. Ela aparece sempre com o objetivo de limpar alguma coisa que precisa de trato. Uma calçada suja, uma terra seca ou um coração solitário, tanto faz. Fechei a janela e troquei o sono pela contemplação da chuva marota: há dias em que não é dormindo que nos sentimos com a alma lavada.



THAIS DE FERRAND
Escritora, cronista e contadora de história

SESSÃO ESPECIAL

Novamente Big Brother Brasil ?

O BIG BROTHER BRASIL consiste em um programa de televisão, transmitido e exibido em horário nobre, pela Rede Globo de televisão, em formato "Reality Show". Com um excelente índice de audiência, se encontra na 14ª edição. Esta grande quantidade de edições provoca o seguinte questionamento: Qual a razão de sua longa permanência no ar? O que se esconde por trás de um programa "ingênuo" que objetiva o entretenimento através do enjaulamento de pessoas e que atraem voyeuristas sedentos por uma nova edição do tipo "pão e circo", já conhecido desde a época de Roma?

O "Big Brother" surgiu em 1999, na Holanda, criado pela produtora Endemol, uma das maiores empresas de entretenimento da Europa. A designação "Big Brother" foi inspirada no livro "1984", do escritor inglês George Orwell considerado um clássico sobre privacidade e autonomia. No livro, todos os habitantes de um país fictício são vigiados diariamente por câmeras que funcionam como os olhos do governo. O autor alerta para o perigo de estarmos caminhando para uma sociedade controlada por um Estado totalitário, através de câmeras, evidenciando o controle da mídia para manter o poder. Passados pouco mais de 50 anos da publicação do romance de Orwell, o temor ao totalitarismo cedeu lugar à sedução, através da invasão

meio de um imaginário controlado. O simulacro favorece o uso do mecanismo de defesa de identificação projetiva por parte dos telespectadores. Desta forma, a televisão torna-se uma espécie de espelho de narciso, em lugar da exibição narcísica. Na compreensão de Ramonet (2002), o que apaixonou o público, mesmo que não tenha consciência disso, é a metamorfose que se opera sob seus olhos e que transforma pessoas basicamente comuns, retiradas da vida real, em personagens de uma história, de uma narrativa, de um roteiro que se parece com uma novela, com ficção, ou seja, de se ver sendo visto, e ao se oferecerem como espetáculo, acabam tornando-se protagonistas de uma ficção filmada. A aura da ficção facilita a fama.

No imaginário, o olhar do outro é capaz de nos cristalizar como objeto e assim, reprimir e aprisionar as subjetividades dos participantes/telespectadores, que passam a agir "felizes" de acordo com um desejo real já fabricado. Podese fazer a seguinte pergunta: Qual é o motivo que leva o público assistir tal programa? Soifer (1992), argumenta: "Um estudo exaustivo e científico permitiria demonstrar que os supostos êxitos de audiência nem sempre o são na verdade, e que a preferência aparentemente dispensada por parte do público aos programas de terror, delíto, violência e erotismo obedece na realidade, também ao costume que foi nele provocado e não a uma decisão livre, baseada na autonomia. Se de 12 ou mais horas de programação, 10 têm essas características, o lógico é que se forme o hábito, principalmente em um espetáculo que, pelas características expostas, cria dependência, ou seja, submissão. Se fossem transmitidos predominantemente programas educativos e artísticos, o público reagiria mais e reclamaria." Há países onde esta é a situação, o que significa que isso é possível e que a afirmação de que se apresentam programas de terror e erotismo porque o público solicita constitui uma falácia. Com base nisso, conhecendo a inclinação do ser humano para o princípio do prazer e também a sua capacidade de assimilar conhecimentos úteis para a defesa da vida, compreendemos a necessidade do indivíduo discernir, para cuidar-se dos perigos engendrados pelas armadilhas do engano e da sedução, que compõe este programa.



**DRA. REGINA
PEREZ ABECHE**
é psicóloga e
professora da
UEM (CRP
08/02206-4)

GESTALT EM FOCO

0 autismo em uma visão gestáltica

Desde sua descoberta por Kanner e Asperger, em meados dos anos quarenta, o autismo tem se apresentado como um mistério para a psicologia, a psiquiatria e a educação. Os primeiros estudos apontaram que a causa do transtorno estava na incapacidade dos pais, particularmente da mãe, de transmitir amor à criança e criar um ambiente seguro para a expressão de seus sentimentos, gerando um bloqueio em sua capacidade afetiva.

O presente artigo tem o objetivo de trazer uma visão diferente do autismo, através da Gestalt-terapia, segundo a qual, importa muito menos o “por que”, ou seja, a causa do autismo, e muito mais o “como”, a forma como o ser da pessoa autista se configura para lidar com suas limitações e dificuldades, através de seus próprios ajustamentos criativos, dentro do campo do possível.

O autismo, embora possa ser visto como uma condição médica, e patologizado como uma síndrome, também deve ser encarado como um modo de ser completo, uma forma de identidade profundamente diferente. Tratar uma pessoa autista não é o mesmo que curá-la do autismo, até porque falar em uma cura do autismo é no mínimo controverso. O que buscamos “curar”? O comportamento autístico? As dificuldades sociais e de aprendizagem que estas pessoas sofrem? Ou a nossa própria incapacidade de lidar com o diferente? Além disso, o autismo é uma condição pervasiva da pessoa que o possui, ou seja, faz parte de quem ele é.

O mecanismo mais utilizado pelos autistas é o da Fixação ("Parei de existir"): processo pelo qual o indivíduo se apega excessivamente às pessoas, ideias ou coisas e, temendo surpresas diante do novo e da realidade, sentese incapaz de explorar situações que flutuam rapidamente, permanecendo fixado em coisas e emoções, sem verificar as vantagens de tal situação.

O mundo é um lugar caótico e imprevisível para o autista, acompanhar as transformações deste mundo às vezes é até doloroso para eles, por isso, eles se utilizam de fixações como um ponto seguro aonde se firmar em meio ao turbilhão do mundo. Alguns possuem fixações por números, outros possuem fixações por insetos, fantasias, dinossauros, ou seu próprio corpo e seus sentidos, dentre



JÉSSICA DEMITI é graduada em psicologia,
estudante de Gestalt-terapia pelo Necpar e
membro do JPF

outras.

O fator de cura para a fixação é a fluidez que é o processo pelo qual o indivíduo se movimenta, localiza-se no tempo e no espaço, deixa posições antigas, renova-se, sente-se mais solto e espontâneo e com vontade de criar e recriar a sua própria vida.

Com isso, não se trata de buscar uma cura para o autismo, mas de buscar novas gestalts para a pessoa autista através de um ajustamento criativo.

Para a Gestalt-terapia, o ser humano está em constante desenvolvimento ao longo de toda a sua vida. Ser capaz de reconhecer, acolher, respeitar e estimular os ajustamentos criativos da pessoa autista é um ponto fundamental seu atendimento. Para isso, é preciso desenvolver a *awareness*.

No atendimento de pessoas portadoras de síndrome do espectro autista, é preciso que o ajustamento criativo do próprio terapeuta também seja trabalhado. É preciso que enquanto terapeutas, entremos constantemente em contato com a pessoa diante de nós, buscando perceber suas dificuldades e principalmente, suas forças. Este pensamento, que poderia ser utilizado em qualquer atendimento realizado por um Gestalt-terapeuta, precisa ser reforçado ao lidarmos com autistas. Pessoas autistas, por conta de suas próprias alterações sensoriais e de linguagem são incrivelmente imprevisíveis. E um terapeuta que não se encontre aware e fluido, não estará em contato, numa verdadeira relação Eu-Tu.

Não só devemos estimular a *awareness* da pessoa diante de nós, mas nossa própria *awareness* precisa ser ampliada para que não nos prendamos ao comportamento autístico e nem tentemos "curar" aquela pessoa. Lembrando que em Gestalt-terapia, "a pessoa é a maior conhecedora de si mesma", pois ela sabe quais são as suas próprias necessidades e dificuldades. Devemos também estar atentos às nossas próprias necessidades e dificuldades na relação terapêutica.

Casa e Escritório
Móveis e Acessórios
Luiz Octávio Periotto
(44) 9986-2967
otavio@casaeescritorio.com.br
www.casaeescritorio.com.br
Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

Neurofeedback
Maringá

Responsável:
MARCELO MOREIRA KHOURY
Psicólogo
CRP 08/16593

Av. Itororó, 805 - Zona 02
Fone: 44-3226-6688
Maringá - Paraná



CONEXÕES

CONEXÕES



MARIA LUIZA ZAPATA LEONEL é Fonoaudióloga e Diretora do INSTITUTO VOZ, Especialista em Voz CEV/SP, Mestre em Distúrbios da Comunicação UTP/PR

Etiqueta pessoal e profissional

Você já ouviu de alguém a expressão “mas que falta de etiqueta!”? E como interpreta o significado dela? Considera que lhe falta conhecimento ou você simplesmente ignora o chamado, já que regras de etiqueta parecem necessárias apenas para aquelas pessoas da alta classe ou da nobreza?

Espere. Na busca de entender o que isso significa e até mesmo saber o quanto esse conhecimento é importante, buscamos o conceito do termo: “etiqueta são regras da boa educação e do saudável relacionamento pessoal e profissional”. Sendo assim, qual seria a diferença entre a expressão citada no parágrafo anterior e a expressão “mas que falta de educação!”? A resposta é: nenhuma.

Quem já não ouviu, quando criança, durante uma refeição, os pais ou qualquer outro adulto dizendo “tire o cotovelo da mesa”, ou “não fale de boca cheia”, ou “não faça tanto barulho para comer”, ou, até, “não coma com as mãos”? Acredito que nenhum de nós saiu ileso a tais considerações. Ainda bem. A preocupação de nossos pais com o relacionamento pessoal e, por que não dizer, profissional, começa quando, ao nos deixar na casa de um amigo ou em uma festa, eles abrem o check list habitual e começam: “seja educado”, “peça por favor”, “não pegue nada sem pedir”, “agradeça caso lhe ofereçam algo”, “não seja guloso”, “não brigue com os amigos”. E o mesmo se segue no portão da escola: “preste atenção”, “não converse durante a aula”, “capriche sua letra no seu caderno”, “respeite os professores”. Depois dessas orientações, os filhos costumam dizer “está bem, está bem, já sei, já sei...” “ ou “ufa... bateu o sinal...”.

Por isso, a constatação é certa: todos nós, de alguma forma, já fizemos curso de etiqueta. Todos nós já recebemos algum tipo de orientação sobre o assunto, independente da cultura ou nível social. Podemos não ter tido sobre todos os detalhes das regras de etiqueta e isso ficará mais claro se o tipo de relacionamento social acontecer numa classe distinta daquela a que estamos acostumados ou quando, por exemplo, ingressamos no mercado de trabalho. As exigências aumentam, as necessidades se modificam e nos vemos buscando novas posturas, novos comportamentos, nova lin-

guagem. Pelos menos, deveríamos.

Nós gostamos de conviver com pessoas educadas e que tenham “etiqueta”, ou seja, pessoas que saibam respeitar o próximo. Quem não se incomoda em sentar-se à mesa durante uma refeição em frente a alguém que mastiga de boca aberta? Lembrando que nem sempre essa conduta está apenas relacionada às pessoas mais simples, de baixa cultura. Ninguém gosta! Ou seja, nós queremos dos outros condutas adequadas, porque isso nos faz nos sentir mais seguros e confortáveis.

Pense nas gafes. Não saberíamos dizer se quem se sente pior diante delas seja quem as comete ou quem as vê. Impossível não elaborar algum comentário imediato: um tombo em público, um zíper aberto, uma alface no dente alheio (ail), alguém palitando os dentes em um restaurante, errar o nome das pessoas. Falta de cuidado, falta de conhecimento, falta de percepção do outro. Não podemos esquecer que as pessoas têm expectativas umas em relação às outras. A boa conduta de qualquer pessoa em qualquer ambiente depende, fundamentalmente, da sua capacidade de se comunicar, se relacionar e interagir com qualidade em todas as circunstâncias. Nem sempre isso é natural, aliás, raramente é. Na verdade, é um processo de construção e fortalecimento de sua imagem pessoal relacionada à função que exerce, ao nível de conhecimento e ao ambiente cultural na busca de conhecimento e orientação para cada nova situação

Quando criança, em torno de seus três ou quatro anos, é aceitável que alguém fale errado e que se vista da forma mais confortável possível, pois, afinal, criança tem que brincar! Conforme vai crescendo, começam as cobranças para que se fale corretamente e, dependendo do local ou evento, já se faz necessário uma vestimenta diferente da usada desde então. Na universidade, o estudante usa jeans e tênis e, de repente, cai no mercado de trabalho, no qual já não se aceitam as gírias, a linguagem tão coloquial e a vestimenta precisa ser de alguém que represente a seriedade da função, com exceção de alguns profissionais que naturalmente se vestem de forma mais despojada, como os publicitários, por exemplo. O



médico ou o advogado, ainda muito jovens, não querem ter aparência de um senhor, de uma pessoa com mais idade, mas, ao mesmo tempo, querem transmitir credibilidade. O que fazer agora? A mocinha não sabe se usa a minissaia ou não e, às vezes, nem tem uma saia mais comprida no armário. Então coloca uma calça. Mas ela é tão coladinha que não vai resolver o problema e, ainda por cima, se sentar, pode mostrar parte do corpo. É por isso que levanto a bandeira de apoio ao uniforme, inclusive no casual day, normalmente confundido com dia de lazer.

O assunto é longo e gera discussão, afinal nem todos têm o mesmo ponto de vista, como você percebe. A questão é que nós adquirimos hábitos, condicionamentos e crenças e, às vezes, não cogitamos mudá-los. Temos a tendência à acomodação e dificuldade de aceitar novos conceitos. Mudar ou questionar-se significa fazer um grande esforço, mexer com concepções ou crenças profundamente arraigadas. É preciso modificar as noções de educação que recebemos ou percebemos.

Tudo aquilo que aprendemos nos nossos relacionamentos pessoais deve ser aproveitado da melhor forma para nos nortear na vida profissional. O mercado profissional tem suas exigências, o mundo executivo tem suas exigências e, quanto mais altos são os voos que pretendemos alçar, mais detalhes deverão ser observados.

Para terminar, deixo um exemplo de conduta profissional que certamente nos faz refletir: um empresário, investigando o perfil de candidatos para altos cargos na sua empresa e, obviamente, altos salários, relatou que fazia dois tipos de abordagem: na primeira, convidava-os para uma refeição em um restaurante e observava seus comportamentos à mesa. Na segunda, entrava em suas páginas do Facebook e analisava suas postagens.

A pergunta é: será que se o empresário fizesse tais abordagens, você seria contratado?



KARLA KIAN Karla Oliveira Kian é estudante do 2º ano de psicologia da UEM e integrante do PAD

PROJETO ARTE E DEFICIÊNCIA: O CINEMA MOSTRANDO A VIDA

O projeto “Arte e Deficiência: o cinema mostrando a vida”, chamado carinhosamente de “PAD”, pertencente ao Departamento de Psicologia da UEM, foi criado em 1998, sob coordenação da Professora Sonia Mari Shima Barroco, sendo assumido no ano seguinte pela Professora Marlene Simionato, atual coordenadora. A iniciativa teve como escopo o estudo da deficiência e suas relações por meio da cinematografia e da literatura.

Semanalmente os acadêmicos pertencentes ao projeto reúnem-se para desenvolver estudos e debates pertinentes à deficiência e suas relações pautando-se em livros, filmes, documentários, atualidades e legislação, uma tarefa de reflexão e sensibilização dos psicólogos em formação.

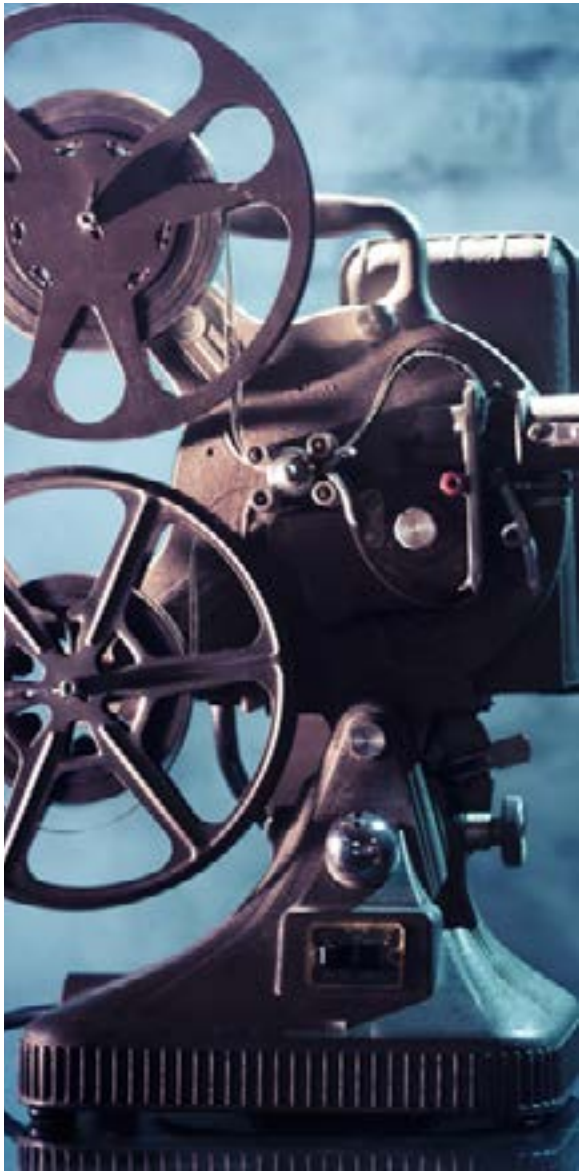
A partir do ano 2000 o PAD, na figura de seus acadêmicos integrantes, iniciou suas atividades no vestibular da UEM, oferecendo atendimento adaptado e adequado às necessidades especiais de candidatos, em conjunto com o PROP AE (Programa Interdisciplinar de Pesquisa e Apoio a Excepcionalidade da UEM) que há quase vinte anos desenvolve estudos e ações visando à melhoria do acesso e da permanência à universidade aos candidatos e estudantes com deficiência.

Em 2003 o PAD realizou seu 1º Ciclo de Estudos sobre Deficiência que acontece desde então anualmente, com o intuito de oferecer

informação e proporcionar à reflexão sobre o tema deficiência por meio da exibição e debate de filmes e palestras, não apenas para o corpo acadêmico, mas aberto a toda comunidade externa, sempre com inscrição gratuita e emissão de certificado.

O trabalho nos vestibulares da UEM cresceu e cresce a cada ano, no último concurso mais de 50 docentes e discentes atuaram como fiscais especiais acolhendo mais de 30 candidatos com algum tipo de necessidade de atendimento diferenciado. Esse trabalho, que é fruto de muita dedicação e preparo, reconhece com contentamento a sua importância e recebe com afeição o retorno positivo dos candidatos e de seus familiares, mas não deixa de adotar a visão de constante aprimoramento em sua atuação.

Na impressão dos participantes do PAD, o projeto não se revela apenas como uma experiência extremamente enriquecedora no âmbito acadêmico, mas é no mínimo um objeto de formação e transformação na vida em todos os seus sentidos, são vivências que abalam velhos paradigmas e oportunizam uma visão libertadora, um compromisso inerente ao psicólogo com a mudança de foco: da deficiência para a eficiência e nas palavras do grande expoente do tema: “onde é impossível o desenvolvimento orgânico, ali está aberta de forma ilimitada a via do desenvolvimento cultural.” Vygotsky (1995, p.153).



A LIDERANÇA COMEÇA NA VOZ

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO - PDC

NOVAS TURMAS

INSTITUTO VOZ

(44) 3031-5056

INSTITUTOVOZ@INSTITUTOVOZ.COM.BR

WWW.INSTITUTOVOZ.COM.BR

Roda de Psicanálise

teoria, clínica e cultura

Aline Sanches (CRP-08/19679) - 9834-4291

Isabelle Maurutto Schoffen (CRP-08/17708) - 9018-6069

Samara Megume Rodrigues (CRP-08/18324) - 9838-3542

http://www.rodadepsicanalise.com.br/

Av. São Paulo, 1061, Aspen Park Trade Center, sala 1305

Parceiros deste jornal ganham...

50% de desconto

webee e-marketing

... para desenvolver o site de sua empresa

www.webee.com.br

ATENDIMENTO MARINGÁ

oliveira@webee.com.br

44 3231-4124

44 9874-5577



LÍVIA LARRANHAGA
Lívia Batista
Pereira Larranhaga
é psicóloga (CRP:
08/13426; email:
livialarranhaga@gmail.com)

ENCHENDO PENEIRAS DE ÁGUA

*Repetimos quando desistimos de viver.
Repetimos quando permanecemos no mesmo
lugar acorrentados em nós mesmos*

O mito grego “A lenda das Danaides” conta a história de dois irmãos gêmeos, Danao e Egíto. Danao tinha 50 filhas, as danaides, e seu irmão, Egíto tinha 50 filhos.

Egíto propõe ao irmão que seus filhos se casem com as suas filhas. Danao não concorda com a ideia e foge com as danaides, Egíto consegue alcançá-lo e mais uma vez faz a proposta. Para evitar uma guerra, Danao concorda, mas ordena que suas filhas matem seus esposos na noite de núpcias. Uma das danaides não cumpre com o prometido, mas as outras 49 matam seus “primos” e como punição são lançadas no inferno e condenadas a encher peneiras de água.

O que me chama a atenção na lenda das Danaides é, sobretudo, seu desfecho: a punição infernal de encher peneiras de água.

Ela me remete ao que Freud denominou como “compulsão a repetição”. Essa seria a forte tendência que todos nós temos à repetição. Frente àquilo que não elaboramos, repetimos. O mito é esclarecedor, pois nos mostra o aspecto infernal da repetição. O próprio Freud disse que a repetição tem uma faceta demoníaca. O demoníaco para o referido autor carrega o sentido daquilo que é motivado pela morte (pulsão de morte). Assim, quando repetimos, já não há mais vida, não há novidade, não há renovação e nem criação.

Repetimos quando desistimos de viver. Repetimos quando permanecemos no mesmo lugar acorrentados em nós mesmos. Repetimos quando já não temos esperança. Repetimos quando tomamos posse de peneiras e, em vão, tentamos preencher seus furos com água. Repetimos quando, assim como as Danaides, preferimos o inferno ao céu.



CLETO ROCHA POMBO FILHO
é Médico Psiquiatra
(CRM 19276)

*Se faz
necessário um
diálogo não
sectário e lúcido
entre a
psicologia e a
psiquiatria,
entre o
psiquiatra e o
psicoterapeuta
para que a
melhor conduta
seja tomada em
benefício dos
pacientes*

FAZER TERAPIA OU MEDICAR-SE?

A resposta a esta pergunta pode ser dividida em duas partes. A primeira depende do diagnóstico do transtorno mental. Como por exemplo: A Esquizofrenia e Transtorno Afetivo Bipolar. Transtornos que necessariamente o paciente deverá ser medicado continuamente, pois são condições em que podem aparecer graves perturbações no sono; descontrole dos impulsos, como comprar compulsivamente; agressividade; ideações suicidas; agitação psicomotora; alterações da percepção (alucinações auditivas e/ou visuais); crenças irreais e oscilações bruscas do humor. Esses dois transtornos se não forem medicados adequadamente podem causar prejuízo na vida social e profissional do paciente e dos familiares. Porém, quando medicados adequadamente, podem retomar o contato com a realidade e submeterem-se à psicoterapia.

Por exemplo, um paciente que apresenta transtorno bipolar, e não for medicado, quando submetido apenas à psicoterapia, nessa intervenção o terapeuta corre o risco de comunicar-se com a doença e não com a personalidade integral do paciente, podendo resultar num insucesso terapêutico e sofrimento para ambas as partes.

A segunda parte da resposta está na gravidade dos sintomas. Quando há sofrimento muito intenso (por exemplo, desânimo que pode manter o paciente acamado, e impedido de se concentrar), pode dificultar a procura e manutenção de psicoterapia, cuja frequência deve ser no mínimo semanal. Todavia, quando os sintomas se apresentam de forma mais leve, é possível se intervir através de psicoterapia, evitando, num primeiro momento qualquer medicação.

As pesquisas atuais demonstram que os melhores resultados nos tratamentos desses transtornos podem ser obtidos quando associadas medicação e psicoterapia. Por isso se faz necessário um diálogo não sectário e lúcido entre a psicologia e a psiquiatria, entre o psiquiatra e o psicoterapeuta para que a melhor conduta seja tomada em benefício dos pacientes.

Neila Paula da Silva
Psicóloga
CRP 08/10172
curta nossa página
www.psicologiaemfoco.com.br
Rua Nêo Alves Martins, 2999 | Sala 118
Edifício Marquês Trade Center
Maringá | Paraná
87013-070
☎ : (44) 3227.9266
☎ : (44) 9972.6301
neilapaulasilva@hotmail.com

Dr. Cleto Rocha Pombo F^º
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276
Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak
44 3225-4965
Maringá - PR
Especialista em Psicoterapia USP-SP



SILVIA ESTHER SORIA DE CUESTA
Psicanalista.
Psicóloga pela
UEM. Especialista
em psicanálise pela
faculdade Dom
Bosco. Membro
fundador-Presidente
do Parlêtre-Espaço
de Psicanálise.

Um corpo que cai

O que cai quando caímos? Enquanto me esborrachava no chão na outra noite, numa dessas quedas tão bobas que o que se fere é nosso ego, mais uma vez me questioneei a respeito.

Que corpo é esse que cede a significantes? A minha queda eu a analiso no divã, mas posso discorrer um pouco sobre esse episódio e algumas escutas que me impulsionam a querer falar a respeito, certamente indagada por uma fala do Alfredo Jerusalinsky nesses dias: “há excesso de Real na criança e no idoso”.

Somos marcados por significantes e são eles que nos afetam. Que significa, por exemplo, cair de joelhos? Marcar meu corpo? Poderia me enganar e acalmar me justificando que tropecei em uma calçada irregular, ou que meu salto virou, mas avisada que estou pela minha análise, sei que não se trata de nada disso. E é disso que se fala em uma análise.

Há uma queixa muito freqüente, dentro e fora da clínica que tem a ver com esse cotidiano que insistimos em justificar: o estar acima do peso. Por que a insistência de querer comer mesmo sem fome? Comida que engorda e que provoca queixas, muitas queixas. Mas afinal, por que as pessoas engordam? A resposta seria simples: porque ingerem calorias além das que gastam. Então, a pretensa solução também seria simples: é só comer menos. Assim também, meus supostos motivos sobre a queda poderiam ser solucionados com exercícios para meus joelhos ficarem mais firmes ou ter mais cuidado ao caminhar nas calçadas de Maringá. Ou melhor, não usar salto!!

Mas esses exemplos tão corriqueiros, que fazem parte de um sem-fim de queixas de nosso cotidiano ou da clínica (até comuns, mas não por isso menos sofridas) só nos falam de corpos que, em se tratando do sujeito, nada tem a ver com fisiologia, neurologia ou anatomia. Nosso corpo é construído a partir do Outro. É esse Outro primordial que o recortou e o organizou a partir das séries significantes que lhe dizem respeito.

Por sermos deficientes instintivos, vamo-nos construindo a partir das demandas de um Outro que nos impõe seu desejo. Nas alternâncias em que esse outro cuidador se apresenta ao bebê, supondo nele alguém que também deseja, e por isso demanda (alimento, cuidados, colo, afagos...), o significa e o antecipa. Quando nomeia cada gesto desse seu pequeno, quando traduz cada movimento e cada choro, supõe ali alguém, quando na realidade esse alguém ainda está por advir.

Engano absolutamente necessário, mas que marca o bebê, não por uma genética que lhe impõe instintos certos, mas marcas significantes que por serem

de um Outro, trazem consigo a grande incógnita da significância do ser. Claro, estou me referindo a sujeitos neuróticos, que tiveram aquela mãe desejante que não deu nem faltou excessivamente. Outro primordial que soube suportar intervalos e conseguiu deixar cair seu objeto fálico. Que, na tentativa de recobrir a insuficiência de seu bebê, o Real que insiste, o Real em excesso, inscreveu cada orifício desse corpo com marcas simbólicas, fazendo bordas em buracos que nunca são preenchidos, bordas que fabricaram limites ao corpo.

Podemos pensar que em quanto uma mãe (enquanto Outro encarnado) se esforça em recobrir o excesso de Real na criança, o idoso tem dificuldades de manter imaginariamente esse recobrimento. Mas este é um tema para um outro momento. Para que uma pequena criança tenha curiosidade e se lance a querer saber sobre os objetos que a circundam, nos aponta Jerusalinsky, ela precisa acreditar que o desejo é dela. Crença que não deixa de ser verdade, mas lembremos, fomos marcados pelo Outro, e dessa intromissão que marcou porque também faltou, é que dispomos um cardápio de gozo que nos orienta. Por isso, sem sabê-lo, obedecemos a determinantes psíquicos inconscientes dos quais nada sabemos, pelo menos conscientemente.

Como então, responder do porque comemos além do que é “necessário”? Por que insistimos em fracassar na vida profissional? Por que perdemos o dinheiro que tanto esforço tivemos para conseguir? Por que caímos?

Se fôssemos animais não teríamos essas dúvidas, os instintos nos indicariam quais objetos satisfariam nossas necessidades. Não haveria tropeços!!

Mas sujeitos divididos que somos (divididos entre consciente e inconsciente) não temos certezas absolutas e nossa verdade está no inconsciente, outro que desconhecemos. Experimentamos isso diariamente. Não há objetos para a pulsão, mesmo que insistamos que eles existem e corramos atrás deles como coelho atrás da sua cenoura; quando os obtemos concluímos que “não era bem isso” que procurávamos. Porque não sem frustração, fomos constituídos sob essa ordem: não fomos tudo para o Outro. Não importa o que oferecemos, nunca foi suficiente. O Outro também é castrado e por mais amados que fôssemos, não fomos objeto para poder satisfazê-lo completamente. Se o Outro gozou é porque esse gozo teve começo e fim, e na interminável espiral da demanda, sempre nos oferecemos, nos fizemos objetos do desejo do Outro, mas caímos desse lugar, respondendo à impossibilidade de completá-lo.



Esse é o preço a ser pago para ser-mos sujeito: faltantes, estruturalmente faltantes, e por isso mesmo, desejantes. Por isso, o que comemos não é comida, e sim significantes. Naquilo que tropeçamos não é algo na calçada e sim nos significantes que nos marcaram.

Podemos pensar o que pode significar para esse outro cuidador, o ato de alimentar um bebê; que valor adquire esse pequeno ser quando aceita a comida e a engole. Quanto de gozo é produzido nesse ato, ou se o alimento é apenas um meio para nutrir um organismo. Se esse bebê entende (e entende logo) que comendo, esse Outro materno se satisfaz, comer se torna um ato erótico, porque erótico é gozar e fazer gozar.

Fazemos uma ideia então, por que é tão difícil deixar de comer? De por que regimes entram e saem, e se não é trabalhado o que singularmente significa o comer, o alimento, a saciedade e quantos outros significantes que às vezes nada parecem ter a ver com a comida, nada muda?

O que me faz tropeçar e cair? Como disse, isso eu descubro (ou já descobri) na minha análise, mas posso apontar algo, afinal, como neuróticos que somos, não temos o privilégio de sermos tão criativos assim. Como insistimos em nos desviar das realizações! Como se nossos fracassos, ou nossas caídas, nos impedissem de um confronto com um ideal realizado! O ideal, por ser ideal, não se realiza. Mas insistimos na possibilidade de que isto aconteça.

Obviamente chegar muito perto de realizar aquilo que o Outro deseja é angustiante. Mas é só imaginariamente que isto poderia se realizar. Na realidade, o Outro nada quer de mim. Quantas quedas terei que me impor até me autorizar a realizar alguns sonhos? Talvez este pequeno texto seja uma forma para tropeçar nas palavras, não mais no corpo, porque sabemos que por mais análise que haja, o inconsciente estará sempre nos surpreendendo. Escrever é uma forma de exposição. E ao nos expormos estamos sempre mostrando nossa falta. Falta que se contrapõe à ilusão de atingir um ideal de completude.

De que machucado se trata então?

Madeira
— GRILL —
Telefone 3029-8737 | Endereço Av. São Paulo, 1700 |
www.madeiragrill.com.br

Psicologia Clínica
Veruska Betioli de Carvalho
CRP 08/07009-1
Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176

RODA DE PSICANÁLISE

teoria, clínica e cultura



ALINE SANCHES
é psicóloga clínica
(CRP 08/19679),
mestre em Filosofia
e doutora em
Psicanálise e Psico-
patologia. É profes-
sora na FAFIJAN
e colaboradora da
Roda de Psicanálise

REFERÊNCIAS
BIRMAN, J. Estilo
e modernidade em
psicanálise. São
Paulo: Ed. 34, 1997.
COMTE, A. Os pen-
sadores. São Paulo:
Abril Cultural, 1978.

HERRMANN, F.A.
Clínica Extensa. In:
BARONE, L.M.C. (co-
ord). A psicanálise
e a clínica extensa.
São Paulo: Casa do
Psicólogo, 2005.

SIMANKE, R.T. A
psicanálise freudiana
e a dualidade entre
ciências naturais e
ciências humanas.
Scientiae Studia, São
Paulo, v. 7, n. 2, p.
221-35, 2009.”

COMTE, A. Os pen-
sadores. São Paulo:
Abril Cultural, 1978.

QUE CIÊNCIA É A PSICANÁLISE? AFINAL, A PSICANÁLISE É UMA CIÊNCIA?

A junção das palavras psicanálise e ciência provoca discussões acaloradas desde que Freud desenvolveu uma nova maneira de explorarmos o psíquico. Freud foi um jovem médico neurolo- gista apaixonado pelas pesquisas de laboratório, onde atuava dissecando o sistema nervoso de pei- xes e enguias. Diz a lenda que começou a atuar na clínica contrariado e apenas devido às suas necessidades financeiras, pois o que o atraía eram as investigações científicas sistemáticas. Sem dúvidas, este caráter investigativo e questionador nunca abandonou Freud, definindo-o como um pensador inquieto e incansável, que dedicou toda a sua vida a pensar de maneira metódica e muito criativa a problemática psicologia humana.

Passado mais de 100 anos desde sua criação, a psicanálise desenvolveu-se e ampliou-se com o trabalho de outros psicanalistas e no diálogo com outras disciplinas, recebeu várias críticas, e parte considerável delas dizem respeito à sua pretensão em tornar-se uma ciência. Tais críticas são oriun- das de cientistas de áreas diversas e de filósofos, que nada viam de científico em seus critérios de verificabilidade e refutabilidade de hipóteses, mas também se originam entre os próprios psicanalis- tas, que defendem a necessidade da psicanálise se livrar dos resquícios científicos de seu surgimento e se aproximar das fronteiras estéticas da arte e da literatura, se ela realmente quiser ser capaz de compreender o humano em sua dimensão subje- tiva, qualitativa e criativa.

Há certo consenso nestas críticas advindas de diferentes lados, de que a psicanálise, seja por não cumprir os requisitos necessários para ser ciência, ou para não perder o ser humano de vista, deveria desistir deste projeto que para Freud foi fundamental, tendo norteado todos os seus es- forços teóricos. Mas também há aqueles que não abandonaram o projeto freudiano de fazer da psicanálise uma ciência, mas neste caso uma reti- ficação deveria ser feita: a psicanálise deveria situar-se no campo das ciências humanas. Conside- rando que o psicanalista não aborda fenômenos externos e observáveis, mas uma vida psíquica que também pertence à sua própria realidade, somente compreensível a partir de sua própria vivência, os processos inconscientes não se ex- plicariam pela análise empírica, pela verificação experimental de hipóteses ou pela construção de leis, mas seriam compreendidos em seu con- texto vital e histórico pelo método hermenêutico- interpretativo. Portanto, nada teria a ver com as ciências naturais, a despeito dos projetos e dos esforços de Freud neste sentido.

Lembremos de Comte em seu Curso de Filoso- fia Positiva (1830-1842): apenas um único método de conhecimento científico é aceitável e só o que é acessível pela observação pode ser objeto científico, sendo expurgado de seu corpus toda e qualquer referência a concepções metafísicas ou abstratas e as questões de origem ou de finali- dade. A ciência deve se ater à descrição dos fatos

e à descoberta das leis naturais, segundo as quais os fenômenos se encadeiam uns nos outros. Do saber deve derivar uma técnica, pois o conheci- mento das leis da natureza nos permite, quando um fenômeno é dado, prever o fenômeno que se seguirá e assim, agir sobre o primeiro para transformar o segundo. Este modelo de ciência é enfático quanto às possibilidades da psicologia: sua pretensão científica é uma ilusão e o conheci- mento do ser humano só se daria por meio da fi- siologia ou da sociologia descritiva e comparativa.

Pensemos agora em Freud, médico neurolo- gista em um momento em que própria psiquia- tria busca enquadrar-se neste modelo de ciência – o neurônio ainda estava por ser descoberto –, procurando sem sucesso a causa das chamadas doenças mentais no corpo e no cérebro dos “lou- cos”; e em um momento em que a psicologia acaba de nascer científica e experimentalmente pelas mãos de Wundt, situando-se bem longe do campo das patologias.

Freud se depara com os casos de histeria, um conjunto de sintomas bizarros sequer reconhe- cido como doença – pois seus sintomas físicos não apresentavam lesões anatômicas corres- pondentes – e é a partir de sua investigação que a psicanálise surgirá, afinal nem a psiquiatria, e muito menos a psicologia tinham respostas acei- táveis para este fenômeno situado na interface do físico e do psíquico. Com a hipótese de processos psíquicos inconscientes, Freud demarca um novo território de investigações que não se situa nem nos processos físicos-corporais, nem nos proces- sos cognitivos conscientes, mas em um ponto de entrecruzamento destes registros, um novo domínio do inconsciente e das pulsões, com fun- cionamento e regras próprios. Ao mesmo tempo, Freud afasta-se dos métodos de investigação – mas não das hipóteses – utilizados pela neurologia e pela medicina e busca na história do paciente e nas significações daí derivadas os parâmetros para interpretar esse registro psíquico.

Freud insistia que a psicanálise era uma ciên- cia natural, o que não significava estar preso a um determinismo físico-químico, nem a um domínio restrito de atuação, enveredando-se desde o início em áreas reservadas à antropologia, à política, à cultura e às artes em geral. O fato de haver um substrato neurológico para a vida psíquica – posição que Freud sustenta através de sua metap- sicológica, que em sua opinião seria substituída fu- turamente pelos avanços das neurociências – não era incompatível com a dimensão qualitativa e fenomenológica de suas investigações. Ou seja, a psicologia não é mero resultado ou reflexo de pro- cessos físico-químicos, já que a própria histeria demonstrava o poder do mental e das experiên- cias vividas sobre o corpo.

Muitos autores consideraram a postura científica de Freud como contraditória e ingênua, como se ele tivesse sido levado pelo seu contex- to a definir a psicanálise como ciência natural

apenas para não se confundir com charlatões ou curandeiros místicos, ou então devido a um apego sentimental aos seus anos de juventude no laboratório, ou mesmo por ignorância episte- mológica, não percebendo a incompatibilidade do reducionismo científico presente em suas hipóteses naturais e neurológicas com o próprio caráter subversivo de sua obra.

Se Freud nunca ignorou os fundamentos bi- ológicos e neurológicos da vida psíquica, ao invés de considerarmos isso como vestígio de um posi- tivismismo danoso a ser expurgado da psicanálise, podemos pensar que Freud está propondo um modelo de ciência ousado e inovador, na ten- tativa de superar uma dicotomia que se mostra cada vez mais ineficaz: a dualidade entre o físico e o mental. Situando a psicanálise neste inter- stício entre o físico e o mental, nesta região em que uma vida se produz, Freud não parece ver problemas em uma ciência fundamentada tanto na neurologia quanto nas artes e literaturas, por exemplo, justamente por nos fornecer uma con- cepção de ser humano que se produz no entre- cruzamento desses dois domínios, sem que um tenha privilégio sobre o outro, mas a partir de uma dinâmica complexa e impossível de ser de- terminada pelos métodos científicos disponíveis em sua época – e hoje também. Neste caso, Freud coloca em questão o método enunciado pelo posi- tivismismo, mas também pelas ciências humanas. Embora estas tenham surgido como um protesto ao positivismo, não questionou esta cisão do ser humano em dois: corpo e alma, físico e psíquico, natureza e cultura, são dicotomias enraizadas na produção do conhecimento ocidental, e nelas as ciências humanas também se baseiam.

Freud parece trabalhar completamente a- lheio à divisão do campo das ciências em dois, naturais e humanas, e apresenta implicitamente um modelo científico que se esforça para pensar o ser humano além da distinção entre o físico e o psíquico, entre o natural e o cultural, entre o indi- vidual e o social. Ao situar a psicanálise no campo das ciências naturais, Freud apresenta uma con- cepção de natureza não mais oposta à cultura, mas uma natureza que é processo e que se cons- titui na história. Tendo sido extremamente origi- nal em seu modo de fazer ciência, pesquisadores importantes têm alertado para a necessidade de entender qual é a ideia de natureza presente em sua obra (SIMANKE, 2009).

“A presença da psicanálise entre as ciências, mesmo que ainda em obras, é capaz de estimular uma redefinição da epistemologia dominante” (HERRMANN, 2005, p.29). É neste sentido que devemos trabalhar, buscando técnicas e teorias que não mais partam do princípio de que o ser humano é dividido em dois – metade máquina viva programável, metade alma ou inconsciente – nem do princípio de que o humano pode ser pensado independentemente das dimensões que o constitui, natureza e cultura imbricadas.

PSICOLOGIA ANALÍTICA EM FOCO



MARIA CRISTINA
RECCO
é psicóloga,
especialista em
psicologia analítica
(CRP 08/1453)



JUNG E A PSICOLOGIA DA ALMA

Nasce uma criança aos 26 de Julho de 1875 na paróquia de Kesswill, Suíça, que se torna através dos anos vividos “um fenômeno um tanto complicado”, como ele mesmo mais tarde se auto-define. Batizado como Carl Gustav II Jung, em homenagem ao seu i- lustre avô Carl Gustav I Jung.

Nasce como um psicólogo, digo isso porque um psicólogo nato, desde sua mais remota infância, ob- serve os fatos da vida, os reserva e os reúne como uma sucessão de fenômenos importantes.

Nasce psicólogo aquele que nasce novo e velho. Novo para olhar com curiosidade, descobrindo o mundo e suas possibilidades como as conquistas, as frustrações, alegrias, medos e habilidades. Velho por experimentar frequentemente sensações de uma alma presente e intuitiva. A múltipla face da psiquê é investigada no início dos estudos de Jung. Ele chamava a personalidade 1 e a personalidade 2, ambas experiências vivenciadas em sua infância e que seguiria na investigação científica.

Jung, médico psiquiatra, é Pai da Psicologia Analítica, também chamada de Psicologia Arquetípi- ca, Psicologia Profunda ou Psicologia da Alma.

Neste espaço, vamos acompanhar os caminhos da alma e trazer um foco de luz para essa abordagem psicológica.

[1] A personalidade número 1 envolvia o mundo comum. Ela poderia apresentar ex- plosões emocionais e parecer infantil e indisciplinada. Mas também ambicionava o sucesso acadêmico, ao estudar ciência e almejar um estilo de vida civilizado e pre- stigioso. A personalidade número 2 era muito mais complicada, o “outro”, identi- ficado com a pedra e o segredo da graça divina; carregava o sentido e parecia recuar no tempo de um modo misterioso. Jung associou sua dimensão número 2 ao mundo misterioso da mãe, tendo esculpido um homenzinho que escondeu em seu sótão e que o propiciava o contato com seu mundo número 2.

ASSOCIAÇÃO ALIANÇA DE MISERICÓRDIA

A Associação Aliança de Misericórdia foi fundada na data de 25/10/2000 em São Paulo pelos sacerdotes Antonello Cadeddu e Enrico Porcu, a partir da visão da realidade da cidade de São Paulo, marcada por profundas desigualdades sociais, o que traz conse- quências sociais gravíssimas.

A Aliança de Misericórdia está localizada em 34 cidades do Brasil, além de possuir uma unidade na Itália e uma em Portugal. Os programas, projetos e ações da entidade priorizam a população em situ- ação de vulnerabilidade, moradores de rua e favelas.

Em Maringá a Associação atende prioritari- amente homens com idade acima de 18 anos, e está sendo reestruturada, com novos coordenadores e equipe técnica, estão promovendo a inserção dessas pessoas em situação de extrema vulnerabilidade em serviços e programas de assistência social.



Contato com a
comunidade:

Estrada Pitanga,
Lote 176-B Gleba
Patrimônio
Maringá – PR
Iguatemi.
Fone: (44) 3276- 3822

ENTRE ASPAS

O Hóspede Despercebido

*Deixe alguém nesta sala
que muito se distinguia
de alguém que ninguém se chamava,
quando eu desaparecia.
Comigo se assemelhava,
mas só na superfície.
Bem lá no fundo, eu, palavra,
não passava de um pastiche.
Uns restos, uns traços, um dia,
meus tios, minhas mães e meus pais
me chamarem de volta pra dentro,
eu ainda não volte jamais.
Mas ali, logo ali, nesse espaço,
lá se vai, exemplo de mim,
algo, alguém, mil pedaços,
meio início, meio a meio, sem fim.*

PAULO LEMINSKI

“Os limites da
minha linguagem
representam os
limites do meu
mundo”

LUDWIG WITTGENSTEIN
(1889 - 1951), filósofo austríaco

“Aonde quer que
eu vá, eu descubro
que um poeta
esteve lá antes
de mim”

SIGMUND FREUD

Ψ Ariana Krause
psicóloga - crp 08/1714

📍 Especialista Clínica de Orientação Psicanalítica
📍 Aspen Park Trade Center - 16º andar - sala 1624
📍 Av. São Paulo, 1061 - 87013-040 - Maringá - PR
✉ contato@arianakrause.com.br
🌐 www.arianakrause.com.br
☎ (44) 9835-6109 (claro)

clínica VIVER BEM
Saúde Integrada de Maringá

Giovanna Maria Bertoni
Psicóloga
CRP 08/19036

Rua Joaquim Nabuco, 452
Maringá - Paraná

+55 (44) 3024-0514 / 3031-0513

Odontologia Fisioterapia Pilates Nutrição Psicologia Estética

ENTREVISTA



JPF entrevistou Antonio Leonel, professor de literatura e coordenador pedagógico do Colégio Platão.

“Amar é estar pronto para educar”

“A escola tem muito poder e precisa ter responsabilidade diante desse poder”

JPF: Vivemos num tempo em que a lógica da eficiência comercial parece ter atravessado todas as esferas da vida, incluindo a educação; o que pode ser visto com a demanda crescente por escolas eficientes na aprovação do vestibular. Como fica a função de “formação de cidadãos”, que era atribuída à escola, nos dias de hoje?

Toninho: Na verdade a formação das pessoas continua sendo um atributo da família, e a escola de alguns anos pra cá tem assumido o papel de contribuir na formação; o grande problema é que as famílias de um modo geral, talvez em função de a vida moderna ter aumentado a carga de trabalho e as expectativas das pessoas por uma vida mais confortável, muitas vezes limita a escolha de uma escola por uma questão estrutural, sem levar em consideração as propostas da escola e os resultados que essa escola possibilita. Muitas vezes o resultado que a escola anuncia não é verdadeiro, mas a questão não é o resultado no singular, mas sim, os resultados no plural, não apenas levar em consideração a aprovação ou não no vestibular, mas como foi o processo que levou a isso, por exemplo, eu formei um leitor nesse percurso? Consegui desenvolver no aluno a habilidade de ler e entender o quanto a leitura contribui para a riqueza para melhorar minha argumentação, interpretação e uma visão de mundo mais ampla? Consegui humanizá-lo? Eventos que levam os alunos a lidar com dinheiro, por exemplo, são importantes para mostrar o valor do dinheiro e como é difícil consegui-lo. Ou seja, são inúmeras as habilidades que a escola tem papel decisivo para contribuir com o desenvolvimento humano. Outro exemplo é o “projeto eleições” no qual os alunos vão a campo para conhecer a proposta dos candidatos. Além disso, a mostra de tetro que fazemos e que ano passado teve como tema “sexo, drogas e trânsito” faz com que os alunos entrem em contato com esses temas que muitas vezes são tabus sobre os quais a família não conversa, por falta de tempo, noção ou omissão. O adulto tem um papel decisivo nesse processo. A escolha da escola e o trabalho que a escola desenvolve devem se complementar; não é um menu no qual você avalia o prato pela descrição ou pela foto. A escola deve contribuir para a formação do caráter, confirmar valores éticos e morais, mas estes devem vir antes da família.

JPF: No mundo corporativo muito se fala sobre os conflitos de gerações; as diferenças das gerações x e y, bem como a importância de que os gestores saibam lidar com essa geração y. A escola deve assim como as empresas buscar se adaptar a essa geração?

Toninho: O homem é produto do meio que vive. A escola tem valores e as pessoas que administram a escola são pessoas com experiência para isso; o jovem é uma espécie de “caixa registradora”; nós vivemos em um mundo muito visual e de muita informação; a internet levou isso a níveis estratosféricos, mas a informação continua sendo uma coisa rasa e superficial, sem profundidade, cabendo a escola questionar isso e mostrar os caminhos. Os jovens devem se adaptar à escola desde que ela tenha uma proposta efetiva, segura e clara. A ideia de praticar teatro na escola, por exemplo, deve ter sua prática atrelada ao nível pedagógico e não ao nível artístico, a ideia é que um trabalho gere no jovem reflexões enquanto pessoa e não como artista. Esse potencial de informações que o jovem tem hoje é uma ferramenta fantástica que deve ser utilizada a favor do jovem para inserção dele no mundo. Há de haver um suporte.

JPF: Qual a importância de se oferecer acesso a teatro, arte, poesia e literatura na escola?

Toninho: Instrumentalizar melhor a pessoa; se você olha através da fechadura, você enxerga um pouco, mas quando você abre a porta você consegue ver muito além. Creio que essas atividades tenham uma importância e relevância enormes. Os alunos não saem da mesma forma que chegaram; é uma experiência transformadora. O objetivo do colégio não deve ser, por exemplo, fazer peças de teatro para criar atores, isso pode até ser uma consequência, mas o mais importante de fato é o que essa experiência agrega ao aluno. O adolescente com toda sua capacidade comunicativa tem com essas atividades uma maior possibilidade de se tornar um agente transformador. A música, por exemplo, pode ser ouvida em casa, no carro, mas a ideia é que a escola possa trabalhar a letra e a simbologia por detrás dessa música; um exemplo claro disso é música Cálice (Chico Buarque e Gilberto Gil) que tem uma representação muito mais ampla do que a letra sugere. No teatro, o aluno antes de fazer a peça precisa pesquisar. No colégio Platão desenvolvemos o “clube da leitura”, no qual o aluno tem acesso a leitura minuciosa e detalhada de grandes clássicos da literatura. Além disso, há a “sessão coruja”, na qual debatemos filmes sobre os mais diversos prismas, contando com o ponto de vista de professores de diversas matérias, tais como: Biologia, História, Artes e Matemática. Os parâmetros curriculares da LDB de que a escola possa fomentar práticas de arte, cinema, tetro e música para ampliar a visão de mundo do indivíduo, portanto, quanto mais ações dessa natureza

tivermos na escola, maior a chance do aluno desenvolver seu lado humano, seu caráter, sua sensibilidade. Não basta o indivíduo ser bom tecnicamente e ser pouco humanizado, no final das contas a grande diferença é lidar com o ser humano.

JPF: Bauman em seu livro “Sobre educação e juventude” sentencia que hoje em dia não se encara mais a juventude como a futura elite política e cultural mundial e considera que é pela escola que devemos recomeçar...

Toninho: A família tem um papel preponderante, mas tem se ausentado; a escola muitas vezes dá esse conforto para a família, porém as duas devem caminhar de mãos dadas, num processo de cumplicidade. O adulto deve ser o agente transformador; se eu enquanto educador e professor de literatura não mostrar a importância da leitura para o jovem, ele não terá essa percepção naturalmente. Esse papel não é fácil, mas eu enquanto adulto devo despertar no aluno o interesse; minhas aulas devem ser criativas, surpreender os alunos, mudando a visão que eles tinham da leitura. Quem disse que o jovem não gosta de ler? É fato que o mundo visual é mais convidativo, com seus outdoors, canais de assinatura, ipad, smartphones, computadores; mas quem criou tudo isso? As crianças ou os adultos? Foram os adultos, então a responsabilidade dos adultos é fundamental. Se a sociedade entende que no futuro os jovens serão vazios, isso é produto de uma atitude dos adultos de hoje. O jovem é corajoso, questionador, tem um viés ético muito forte, mas muitas vezes se deparam com uma sociedade que lhes diz “não”. A escola é um ambiente dinâmico, eu como professor envelheço, mas continuo lidando desde 1987 com jovens de 14 a 17 anos, por isso precisamos trazer novas práticas e dinâmicas, procurando despertar o interesse dos alunos. Entretanto, o papel da autoridade não pode ser esquecido, a democracia exige a presença de regras, as quais precisam ser claras e cumpridas com coerência. As regras precisam valer pra todos. Como coordenador sou responsável por dizer “nãos”, mas não posso me furtar de explicar o porquê dessas negativas aos alunos. No episódio das manifestações do ano passado, fui até as salas e me posicionei incentivando os alunos a participar, mas ressaltei a importância de que entendessem o processo e o sentido da presença deles na manifestação, qual a crítica e o questionamento? Tivemos uma aula com um sociólogo e um historiador para entender o porquê desse movimento. O aluno precisa ter consciência do seu papel para não virar “massa de manobra” e a escola é responsável por isso.

DICA DE FILME & DICA DE LIVRO



A VIDA SECRETA DE WALTER MITTY

Ator, produtor e diretor de cine-ma Ben Stiller, premiado na paródia “Trovão Tropical”, “A Vida Secreta de Walter Mitty” é sua nova direção, produção e atuação. Tem por mérito singular as cenas cotidianas e profundas indagações existenciais. Um filme produzido em paralelo com a vida pessoal de Stiller, trazendo temas pessoais que ele teve que desenvolver nestes últimos anos. Trata-se de um convite a questões como “Quem sou eu?”, “Quem somos nós?” e “O que vamos deixar?”.

Walter Mitty, interpretado pelo próprio Ben Stiller, é responsável em arquivar

negativos de fotografias da revista “Life”. A empresa que se encontra em um período de transição comercial no ano de 2000, o que de fato aconteceu com a “Life” que atualmente está em circulação pela web. Mergulhado em sua rotina a notícia da transição transforma a carreira de Mitty e de todos empregados da revista. Neste período ele recebe a responsabilidade de revelar um negativo enviado por Sean’O Connell (Sean Penn) grande aventureiro e brilhante fotógrafo, uma foto única que será a capa da última edição da revista. O drama acontece quando este negativo não está mais nos cuidados de Mitty, assim,

EDUARDO CHIERRITO DE ARRUDA
membro do grupo Psicologia em Foco e estudante de Psicologia do Centro Universitário CESUMAR (UNICESUMAR)



com emprego em risco, inicia-se a busca de reencontrar a fotografia na grande “Life”. O fantástico é que Mitty tem por inspiração solucionar seus problemas com artifícios da imaginação, satisfazendo assim seus anseios por este veículo. Motivado profissionalmente ele precisa definir os limites, ou melhor, a ponte entre suas fantasias e a realidade.

Trata-se de um filme em que o próprio diretor se encontra em uma jornada individual de transformação. O desafio de se deixar conduzir pela obra é eminente.

Para saber mais: SILVA, H. M. O visível e o invisível em ensaio sobre a cegueira, de José Saramago. 2012. 106f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA JOSÉ SARAMAGO

Um homem parado no semáforo. De repente, fica cego. O tempo passa e outras pessoas também ficam cegas. Isso por culpa do primeiro cego, o homem parado no semáforo. Este enredo curioso é do livro Ensaio sobre a cegueira, escrito em 1995 pelo escritor português – único a levar o Nobel de Literatura em nossa língua - José Saramago. Na obra, os personagens não possuem nomes. São conhecidos como o médico, a mulher do médico, a rapariga, e assim por diante. Na obra, com exceção da mulher do médico, todos ficam cegos.

Quando a epidemia já está bem disseminada na sociedade, o governo decide isolar as pessoas que estão cegas. E é aí que Sara-

mago denuncia a essência do ser humano e do que este é capaz de fazer em situações de crise. Mesmo estando nas mesmas condições, as pessoas isoladas criam maneiras de brigarem entre si e disputarem quem tem mais poder.

O leitor pode estar se perguntando: “mas por que as pessoas ficavam cegas?” A meu ver, não é essa a discussão que Saramago pretendia instigar. Em sua dissertação do mestrado o que Hudson Marques da Silva propõe é: “uma análise alegórica da narrativa: a cegueira como metáfora de um ofuscamento da razão no indivíduo contemporâneo”. Na obra, o médico acredita tratar-se de uma agnosia, isto é, a perda da

capacidade de reconhecer objetos apesar da função sensorial estar intacta.

A obra do português nos faz refletir se não é isso que estamos fazendo devido à correria do dia a dia. Olhamos tudo, mas não paramos para ver, para reparar. Impossível ler uma obra como essa e não refletir sobre o próprio comportamento. Como o livro trata-se de uma alegoria, é possível haver várias interpretações. Para saber qual será a sua, só lendo o livro para conferir. Vale, também, assistir a adaptação do livro para o cinema, lançada em 2008, pelo diretor brasileiro Fernando Meirelles.



PARA TODOS OS DESTINOS...

...UMA SOLUÇÃO PERFEITA!

WWW.LINDALI.COM.BR
Av. RIO BRANCO, 264 A
(44) 3305-3662 / (44) 9911-3663



Café Literário
Livraria e Cafeteria

Fone: (44) 3024-0104
Rua Prof. Lauro Werneck, 1023
Salas 4 e 5 (ao lado da UEM)



José Henrique Bronze Dias

Contato: (44) 9973-3905
(44) 3031 2280

Av. Cerro Azul, 735, Zona 02 | Maringá - PR

VOCÊ SABIA?
A Integração Estrutural Rolfing é o processo terapêutico de liberação das compensações do sistema miofascial (tecido conjuntivo) e de auto conhecimento, criado pela cientista norte-americana IDA P. ROLF (1896-1979). Esse processo ganhou popularidade e reconhecimento em conjunto com os trabalhos da Psicologia desenvolvidos por Will Schutz, Abe Maslow e Fritz Perls.

Saiba mais: rolfingmaringa@gmail.com

ACONTECEU



I “Oficina do saber clínica” encerrou atividades de 2013

A Oficina do Saber encerrou a temporada de palestras em 2013 em grande estilo. No dia 04/12 aconteceu a 1ª Oficina Clínica, contando com as diretoras da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM): Juana Ester Kogan e Rosana Ravelli Parré. Com o intuito de levar o conhecimento clínico àqueles que se interessam por ele, a Oficina clínica teve a supervisão de um caso (atendido há 20 anos por Rosana) em linha transversal, isto é acompanhando o desenvolvimento do mesmo ao longo do tratamento. Ao falar sobre a importância deste tipo de iniciativa, Juana e Rosana lembraram da correspondência de Freud com seu amigo Fliess, em especial em uma das passagens que dizia: “Tenho curiosidade por averiguar se haverás de confirmar meu diagnóstico nos casos que te enviei, lamentavelmente nunca me sinto seguro no relativo a quais medidas práticas adotar. Não

sei pra onde me encaminhar, nem no sentido teórico nem no terapêutico”. Para as diretoras da EPPM na vida de todo psicoterapeuta psicanalítico faz falta ter um Fliess que receba “correspondências” e dúvidas. Quando Freud inventou o dispositivo psicanalítico, espontaneamente seus discípulos começaram a levar seus casos para discuti-los com ele. Esse “outro privilegiado” cuja escuta nos permite aceder a uma maior compreensão, é o supervisor. E o espaço da supervisão é um âmbito de ressonância apto para a transmissão e a apreensão da psicanálise e sua prática, é um espaço para escutar a clínica. Nesse sentido, creio que a Oficina clínica tenha cumprido seu intento, qual seja o de mostrar a importância da supervisão clínica e da figura do supervisor na produção de novas compreensões que transformam os obstáculos da análise em motores de cura.

AGENDA

ABR 2014

Curso de Especialização em Terapia Cognitiva Comportamental

CRP 08/4570-J | Credenciamento MEC 7.15.16

Público
Psicólogos e Psiquiatras

Certificado
Especialista em Terapia Cognitiva

Local: Maringá - PR
Av. Tiradentes, 1008, sala 1001

Início: 25 e 26 Abril 2014
Carga Horária: 520 horas
Duração: 2 anos
Presencial: 1 vez e sala ao mês
Horário: das 8h às 18h

Terapia Cognitiva e Terapia Cognitiva Comportamental têm surgido nos últimos anos como as principais formas de psicoterapia. Foram desenvolvidas e aperfeiçoadas ao longo das últimas quatro décadas através do trabalho pioneiro e pesquisa de Aaron T. Beck, em conjunto com extensa pesquisa e contribuições de muitos outros profissionais ao redor do mundo.

A finalidade principal do CTC VEDA é a de disseminar o conhecimento e aumentar o número de profissionais bem formados e habilitados a praticar a Terapia Cognitiva no país. Para tanto, mantém contato constante com os principais centros da especialidade no país e no exterior, realizando intercâmbio de profissionais e conhecimento, e promovendo eventos com a participação de profissionais reconhecidos internacionalmente.

Corpo docente: aulas ministradas por profissionais com títulos de Doutor, Mestre e Especialista, com notória e reconhecida vivência profissional.

INVESTIMENTO

Matrícula

R\$ 250,00

* Matrícula vinculada ao pagamento da primeira mensalidade

Mensalidades*

24 parcelas de R\$ 690,00

* Taxas e reajustes de acordo com as normas da lei

DESCONTOS

Descontos para duplas e grupos e para inscrições antecipadas

R\$ 655,00 inscrições até 31/12/2013

R\$ 670,00 inscrições até 15/01/2014

R\$ 620,00 associados da FBTC

Coordenadora Geral: Édela Ap. Nicoletti

Coordenador CTC Veda Maringá: Milton de Paula

CTC Veda

Centro referência em atendimento, ensino e pesquisa em Terapia Cognitiva

Informações e inscrições: www.ctcveda.com.br

11 3876.7876 e 7850.0579 | faleconosco@ctcveda.com.br

44 3025.7832 e 9113.8258 | dr.miltondepaula@hotmail.com

Mayara Matheus Coutinho

Doula e Psicóloga - CRP 08/18729

9922-9928/ 3346-1097

maternati

may_mmc@hotmail.com - www.maternati.com.br

VINÍCIUS ROMAGNOLLI é psicólogo (CRP 08/16521) e coordenador do JPF.

Fevereiro e março de 2014 | 15

AGENDA CULTURAL

Parlêtre Espaço de Psicanálise PARLÊTRE-ESPAÇO DE PSICANÁLISE PROGRAMAÇÃO 2014 INSCRIÇÕES ABERTAS: Parlêtre - Clínicas e Transmissão de Psicanálise R. Giampiero Monaco, 34 Jd. Novo Horizonte - Maringá Telefones: 44 3265 1011 - 3031 4484 - 9914 2196 9131 6991 - 9946 2236 - 9929 7778 - 9128 1964 www.PARLÊTRE.com	ESPAÇO DE EVENTOS	PALESTRA	HIPERATIVIDADE DIAGNÓSTICO NA INFÂNCIA DO MAL-ESTAR E MEDICALIZAÇÃO	Psicanalista convidada: JULIETA JERUSALINKY	30 e 31 de Maio Sexta das 19h00 às 22h00 e Sábado das 9h00 às 12h00 INVESTIMENTO: Estudantes R\$60,00 até 30/04 R\$80,00 após 01/05 Profissionais R\$80,00 até 30/04 R\$100,00 após 01/05
	ESPAÇO DE PERCURSO	CURSO A CLÍNICA PSICANALÍTICA: CICLO I A CLÍNICA	MÓDULO: A PRÁTICA CLÍNICA MÓDULO: AUTISMO E AS ESTRUTURAS CLÍNICAS	29/03/14 - "Síntoma-diferenças entre psicanálise, psicologia e psiquiatria" - Caroline P. Pastana 12/04/14 - "O que faz UM analista?" - André Luis Scapin 24/05/14 - "A Clínica Infantil" - Maria Goretti de Vasconcelos Miranda 07/06/14 - "A Clínica do Adolescente e do Adulto" - Sílvia E. Sorja de Cuesta 02/08/14 - "Autismo" - Maria Goretti de Vasconcelos Miranda 06/09/14 - "Psicose" - Sílvia Esther Sorja de Cuesta 04/10/14 - "Perversão" - Mônica Ap. Prado de Castro 08/11/14 - "Neurose" - Mônica Ap. Prado de Castro	SÁNIADOS - Das 9h00 às 12h00 INVESTIMENTO - R\$ 250,00 R\$ 35,00 CICLO COMPLETO SEMINÁRIO AVULSO
	ESPAÇO DE ESTUDO	GRUPOS DE ESTUDOS	FREUD PARA INICIANTE A CLÍNICA PSICANALÍTICA COMO SE ESTRUTURA UM SUJEITO? AS ESTRUTURAS CLÍNICAS (PSICOSE - PERVERSÃO - NEUROSE) OS 4 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE (INCONSCIENTE - PULSÃO - TRANSFERÊNCIA - REPETIÇÃO) A CLÍNICA E SEUS FUNDAMENTOS	André Luis Scapin M. Goretti de Vasconcelos e Sílvia E. Sorja de Cuesta Mônica Ap. Prado de Castro Caroline Philipp Pastana e Sílvia E. Sorja de Cuesta Sílvia Esther Sorja de Cuesta	Encontros mensais aos sábados das 10h00 às 12h00 Valor R\$ 60,00 + uma taxa única de material de R\$30,00 Encontros quinzenais às quintas-feiras das 19h00 às 20h00 Valor R\$ 90,00 + uma taxa única de material de R\$30,00 Encontros mensais aos sábados Valor R\$ 90,00 + uma taxa única de material de R\$30,00 Encontros quinzenais às quintas-feiras das 19h00 às 20h00 Valor R\$ 90,00 + uma taxa única de material de R\$30,00 Encontros mensais sábados à tarde Valor R\$ 90,00 + uma taxa única de material de R\$30,00
	ESPAÇO DE ESPECIALIZAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR	Pós-graduação-Especialização do Centro Lygia Coriol de Porto Alegre Aprovado pelo MEC - 420 horas.	Inscrições abertas para a segunda turma de Maringá. INVESTIMENTO - 24 parcelas de R\$395,00 + 01 parcela de TCC de R\$295,00 - 02 manuais de R\$200,00.

Ato

analítico

Clínica e Transmissão de Psicanálise

Grupo de Trabalho: "A psicanálise e sua prática"

Público-alvo: profissionais que exercem a clínica psicanalítica.

Elxo Temático/2014: As Estruturas Clínicas (psicose, neurose e perversão) e seus limites; a angústia na clínica contemporânea (S. pânico, toxicomanias, anorexia e bulimia, psicossomática, etc).

Encontros: quinzenais, às sextas-feiras, das 18h30m às 20h.

Início: março de 2014.

Investimento: R\$30,00 (inscrição)/ R\$ 120,00(mensalidade).

Local: Ato Analítico - Av Independência, 258 - Centro Médico Suzuki - sala 408 - Maringá-PR.

Inscrições: mediante entrevista agendada (sem custo) com as

psicanalistas Marta Dalla Torre ou Valéria Codato.
(F- 44-32254561 ou atoanalitico@gmail.com)

Grupo de Estudo e supervisão de casos sobre a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes.
Informações: 44- 32254561 ou atoanalitico@gmail.com
Coordenadora: Psicanalista Marta Dalla Torre.

Evento: "A ética da psicanálise e as intervenções do analista na contemporaneidade"

Data: 05 de abril de 2014.
Horário:
9h às 12h - "O sintoma, a inibição e a angústia na clínica hoje"
14h às 17h - "A ética da psicanálise na contemporaneidade"

Participação de psicanalistas membros da Letra-Associação de Psicanálise e do Ato Analítico- Clínica e Transmissão de Psicanálise.
Maiores informações em breve.

AGENDA CULTURAL



Capacitar Analisar Supervisionar

EPPM
Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA

A Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá vem se consolidando como um espaço para psicólogos, médicos e outros profissionais, que desejam continuar com seus estudos enfocando o desenvolvimento do pensamento clínico e a técnica correspondente.

Com uma proposta pedagógica inovadora, onde cada aula começa com um caso clínico, a EPPM tem como objetivo promover uma eficiente integração entre teoria e prática clínica.

Curso de Especialização:
Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea - Turma 2014.
Público: Psicólogos, Médicos e Acadêmicos de Psicologia.
Início: 15/03/2014. **Duração:** 24 meses.
Horário: Aulas quinzenais aos sábados das 08:00 às 17:30.
Investimento: 24 x R\$ 490,00.

Benefícios aos Alunos da EPPM:

- Centro de Atendimento,
- Desconto em Cursos e Eventos.

Para maiores informações acesse:
www.eppm.com.br
Fone: [44] 3227-0252 contato@eppm.com.br

EPPM
Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS

Como trabalhar com a criança hoje? Dentro da teoria e da técnica psicanalítica temos um método bastante efetivo, mas que precisa ser constantemente atualizado e ampliado. É com esta proposta que a EPPM oferece um curso de especialização em Psicoterapia Psicanalítica com Crianças, buscando capacitar profissionais para uma prática clínica criativa dentro da abordagem psicanalítica contemporânea.

Objetivos:
-Estudar os fatores que contribuem para o desenvolvimento e para o adoecer psíquico da criança. Oferecer conhecimentos teórico-técnicos (capacitação) para a intervenção diagnóstica e psicoterapêutica psicanalítica.

Curso de Especialização: Psicoterapia com Crianças - 2014.
Público: Psicólogos, Médicos e Acadêmicos de Psicologia.
Início: 08/03/2014. **Duração:** 24 meses.
Horário: Aulas quinzenais aos sábados das 08:00 às 17:30.
Investimento: 24 x R\$ 490,00.



NECPAR
Núcleo de Educação Continuada do Paraná

INSCRIÇÕES PELO SITE
WWW.NECPAR.COM.BR

PÓS-GRADUAÇÃO



EDUCAÇÃO E TERAPIA SEXUAL
INÍCIO DIA 07 | MARÇO
COORDENAÇÃO:
Ms. Eliany Regina Mariussi

GESTALT - TERAPIA
INÍCIO DIA 28 | MARÇO
COORDENAÇÃO:
Ms. Helen Messias Guzman





PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL
INÍCIO | MARÇO
COORDENAÇÃO:
Ms. Isla Gonçalves

NEUROPSICOLOGIA AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO
INÍCIO | MARÇO
COORDENAÇÃO:
Ms. Maria Estela Martins Silva



AV. NÓBREGA, 562, 2º ANDAR, ZONA 4, MARINGÁ - PR
MARKETING@NECPAR.COM.BR | (44) 3031-7182